

UMA BREVE ANÁLISE DO PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO EM UMA TIRA: “O SAPO QUE VIROU PRÍNCIPE”

Lucas Lopes Pinto¹

¹Estudante do curso Técnico em Agropecuária – Campus Colinas do Tocantins-TO (IFTO); e-mail: lucasdopa33@gmail.com

Resumo: Para a Semiótica Discursiva, o percurso gerativo de sentido refere-se ao plano de conteúdo de um texto e o modo como o sentido nele é construído. Abortados na teoria da Semiótica Discursiva, incorporou-se a metodologia da revisão bibliográfica e documental. Este artigo tem como objetivo analisar o percurso gerativo de sentido de um texto que faz parte do gênero tira. A seleção do texto “O sapo que virou príncipe”, da ilustradora paranaense Cibele Santos, se justifica pela relação com os textos de contos de fada em que o sapo ao ser beijado vira um príncipe, pode facilitar o entendimento na busca de novas características ou sentidos que o texto pode proporcionar. Assim, utilizaremos para análise na construção de sentido os três níveis do percurso gerativo de sentido: fundamental, narrativo e discursivo. Com isso, percebemos que os resultados alcançados na busca das significações e a forma como o sentido é construído podem ser variados de acordo com as vivências de cada leitor diante daquilo que se lê, levando em consideração a realidade social do sujeito/leitor.

Palavras-Chave: Leitor; Percurso gerativo de sentido; Tira

1. Introdução

Este *corpus* pretende analisar texto com base nas abordagens teóricas da Semiótica discursiva, tendo como texto base uma tira de Cibele Santos, “O sapo que virou príncipe”. Abortamos esse texto devido à facilidade de correlacionar com outros textos de conto de fadas já conhecidos pelos leitores dos personagens presentes (o sapo e o príncipe), no qual buscamos verificar o percurso gerativo de sentido no texto, ou seja, o modo como o sentido nele se constrói no decorrer da leitura, pois na semiótica discursiva tem como foco o texto, uma teoria da significação, que mostra a construção de sentido nos diversos textos e no mundo como o texto (GREIMAS, 2008), ou seja, na construção de sentidos envolvendo os aspectos das experiências do cotidiano do sujeito, neste caso, interação vivida pelo leitor.

Assim, faremos um breve comentário da semiótica discursiva, em que consideramos relevante desde seu surgimento, quem foi seu fundador, suas bases teóricas, enfim, veremos a questão do “plano do conteúdo” e “plano de expressão”, em que o plano de conteúdo está mais para o percurso gerativo de sentido e seus níveis, nos quais são: fundamental, narrativo e discursivo, não necessariamente nessa ordem, no quais percorremos em cada nível os conceitos com análise da tira.

Portanto, no nível fundamental, as categorias semânticas opostas que o constituem; no narrativo, como se estrutura a sequência canônica, que compreende quatro fases (manipulação, competência, performance e sanção); e, por fim, no nível discursivo, como se concretizaram as formas abstratas do nível narrativo.

2. METODOLOGIA

Este artigo pretende-se pautar pela pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com base nos autores: Greimas (2008) e Fiorin (2002, 2006, 2008). Com a pesquisa documental, foram selecionados artigos publicados entre os anos de 2002 e 2020.

Utilizaremos para a análise um texto do gênero tira para ilustrar as teorias da Semiótica discursiva com as abordagens do percurso gerativo de sentido com bases nos autores Greimas e Frion, pois é necessário sistematizar e conhecer o que já foi estudado, pesquisado, quais as contribuições de outros autores ao tema, já que

“a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço” (GIL, 2002, p. 45).

Além de uma pesquisa bibliográfica e documental, a pesquisa constituiu-se de uma abordagem qualitativa. Esse tipo de pesquisa requer objetivos anteriormente sistematizados, apontamentos acerca da literatura e das informações, tal como a verificação dos resultados obtidos e “verificação da validade de todo o desenrolar do seu processo e da confiabilidade dos resultados” (VIANA, 2003, p. 15).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A Semiótica discursiva

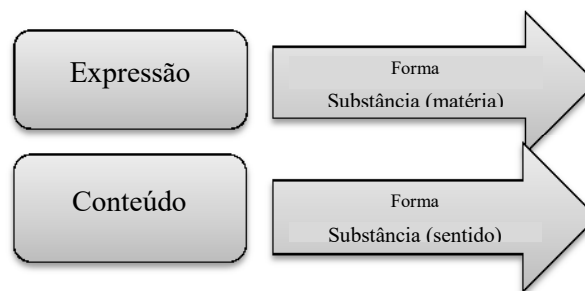
Conhecida também como Semiótica francesa, que em sua origem nominou-se como Semântica Estrutural, baseado nos estudos de Algirdas Julien GREIMAS (1917-1992) que também pode ser chamada como Semiótica Greimasiana. Considera-se uma abordagem científica em desenvolvimento, inacabada, “não é facta, mas in fieri. Por isso, a todo o momento, está repensando-se, modificando-se, refazendo-se, corrigindo-se.” (FIORIN, 1999, p. 1).

A Semiótica francesa tem como seu objeto de estudo “o sentido, o qual, para Hjelmslev, ocorre pelo encontro dos níveis expressão/conteúdo e são suscetíveis de ser analisados pela metalinguagem descritiva.” (LARA; MATTE, 2009, p. 20), não se limita apenas no sentido, mas com o processo de formação e o modo que este é empregado no texto, sendo assim, “interessa-se pelo ‘parecer do sentido’, que se apreende por meio das formas da linguagem, mais concretamente, dos discursos que o manifestam, tornando-o comunicável e partilhável, ainda que parcialmente” (BERTRAND, 2003, p. 11).

“O plano da expressão é o plano onde as qualidades sensíveis que possui uma linguagem para se expressar são selecionadas e articuladas entre elas por variações diferenciais” (FLOCH, 2001, p. 9), sendo definido como instâncias de exteriorização do conteúdo, onde se manifestam as qualidades

concretas das linguagens e os estímulos apreendidos por nossos órgãos sensoriais. Quanto mais complexo o objeto semiótico considerado (teatro, música, cinema etc.), mais devem ser investigados os fatores sinestésicos que atuam nesse plano de linguagem, sendo assim, o “plano do conteúdo é o plano onde a significação nasce das variações diferenciais graças às quais cada cultura, para pensar o mundo, ordena e encadeia ideias e discurso” (FLOCH, 2001, p. 9).

Figura 01: Plano de Expressão e Plano de Conteúdo



Fonte: (GESTO, 2020, p. 4)

Seguindo no percurso de análise do texto, a teoria discursiva pode ser compreendida como a teoria que busca (ou tenta) explicar o ou os sentidos do texto pela análise, priorizando plano de linguagem de conteúdo (que se encontram os sentidos), sem desmerecer o plano da expressão, partindo do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto (FIORIN, 2006), afinal “o plano da expressão está em relação de pressuposição recíproca com o plano do conteúdo e a reunião deles no ato de linguagem correspondem à semiose” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 197).

“A função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. Uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão. Do mesmo modo, é impossível existir (a menos que sejam isolados artificialmente) um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo” (HELMSLEV, 2003, p. 198).

Segundo Fiorin (2013, p.17-44), a contribuição significativa da Semiótica Discursiva propõe-se a uma metodologia alinhada para a leitura e análise do texto, no qual “é possível analisar um texto a partir de níveis”, chamado de Percurso Gerativo de Sentido. A partir dessa metodologia, a Semiótica Discursiva proporciona subsídios para análise dos enredos narrativos, o que auxiliará o sujeito a compreender os efeitos produzidos pelo texto.

Na sensibilidade e nuance de capacidade de construir ou atribuir sentidos em relação ao texto, a semiótica francesa como uma teoria da significação tendo com função cintilar por meio dos processos para “explicitar, sob a forma de uma construção conceptual, as condições de apreensão e de produção do sentido” (Greimas e Courtés, 1979: 345 *apud* FIORIN, 2006, p. 75), fornece ferramentas para análise dos textos como a teoria sintagmática, geral e gerativo, sendo este último, um “percurso que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto” (2006, p. 79).

Sendo mais específico, apresentamos três elementos e condições que serve para satisfazer o caminho ou estudo da semiótica, conforme Fiorin (2006) relata:

- a) ser gerativo, ou seja, “concebido sob a forma de investimentos de conteúdo progressivos, dispostos em patamares sucessivos, indo dos investimentos mais abstratos aos mais concretos e figurativos, de tal modo que cada um dos patamares pudesse receber uma representação metalinguística explícita” (Greimas e Courtés, 1979: 327 *apud* Fiorin, 2006, pp. 72);
- b) ser sintagmático, isto é, deve explicar não as unidades lexicais particulares, mas a produção e a interpretação do discurso (Greimas e Courtés, 1979, 327 *apud* Fiorin, 2006, pp. 72);
- c) ser geral, ou seja, deve ter como postulado a unicidade do sentido, que pode ser manifestado por diferentes planos de expressão ou por vários planos de expressão ao mesmo tempo, como no cinema, por exemplo” (Greimas e Courtés, 1979: 328 *apud* Fiorin, 2006, pp. 72).

Podemos dizer que a contribuição de fundamental importância em relação à Semiótica Discursiva está ligada a uma metodologia direcionada para a leitura e análise de textos em que, segundo sua proposta, é possível analisar um texto a partir de níveis, no qual o conjunto desses níveis é chamado de Percurso Gerativo de Sentido Segundo (FIORIN, 2013, p.17-44).

3.2 Percurso gerativo de sentido

O percurso gerativo de sentido “é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetíveis de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido.” (FIORIN, 2002, p. 17) no qual se divide em três patamares: as estruturas fundamentais, as estruturas narrativas e as estruturas discursivas que tem como partidas do mais profundo e mais abstrato (sintaxe e semântica fundamentais) até o mais superficial e concreto (sintaxe e semântica discursivas) por intermédio da enunciação nos diferentes linguagens, sejam elas verbais ou não verbais. Contudo, no percurso existem fatores semânticos e sintáticos, nos quais podemos diferenciar sua

“distinção entre sintaxe e semântica não decorre do fato de que uma seja significativa e a outra não, mas de que a sintaxe é mais autônoma do que a semântica, na medida em que uma mesma relação sintática pode receber uma variedade imensa de investimentos semânticos” (FIORIN, 2006, p. 21).

Tendo o texto com unicidade, estará sempre na busca da manifestação, onde há junção do plano do conteúdo (sentido) ao plano da expressão (matéria). “Assim, o percurso gerativo de sentido deve ser entendido como um modelo hierárquico, em que se correlacionam níveis de abstração diferente do sentido” (FIORIN, 2006, p. 73), sendo assim, a semiótica propõe, como primeiro passo para uma análise, “que se examine apenas seu plano do conteúdo. As especificidades da expressão, na sua relação com o conteúdo, serão estudadas posteriormente.” (BARROS, 2005, p. 13), na qual demonstraremos cada nível desse percurso conforme análise a seguir:

3.3 Análise do texto

Com base nesses conceitos sobre o plano de conteúdo e o percurso gerativo de sentido de um texto, a respeito dos três níveis/patamares do percurso (fundamental, narrativo e discursivo), analisaremos textos aplicando tais teorias ao texto que constitui o corpus de nossa análise.

Figura 02: O sapo que virou príncipe



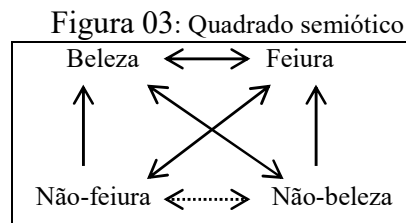
Fonte: Arquivo pessoal

Vamos começar falando um pouco dos personagens presentes no título do texto antes de discorrer sobre os níveis. Consideram-se relevantes algumas informações em relação ao sapo e o príncipe. Estes são conhecidos nas histórias infantis, onde um sapo que ao ser beijado se transforma em um príncipe. Um conto de fada bastante lido, popular, pois um belo príncipe ao ser enfeitiçado por uma bruxa má é transformado em sapo até que uma bela princesa o beija para quebrar o encanto/maldição.

Na tirinha, há dois momentos distintos, um em que namorado é tipolizado como sapo, um animal repugnante, nojento, sem qualificação de ser bonito ou bom, um sujeito trabalhoso, enfim, subentende-se que ela (namorada) o ver como animal sem qualificações que ela deseja e por isso pensa em deixá-lo. A namorada, como papel de princesa, que está ao telefone desabafando com a amiga, confidante, representada pelo aparelho telefônico, sugere na conversa um sentimento de desaprovação, inconformada com as atitudes do namorado que se apresenta como um animal.

Noutro cenário, é totalmente o oposto, pois ela decidiu pelo término do relacionamento, e começou aventurar-se com outros “animais” durante um tempo e percebeu que o Edvaldo, que ora era sapo, virou um príncipe. Agora o sentimento de arrependimento é desesperador, confessando à amiga oculta na charge, mas presente ao telefone, que dificilmente acharás outro “sapo”, que na verdade é um príncipe, semelhante ao Edvaldo.

No nível fundamental, semanticamente, o sapo é um animal não belo, cabendo aqui contrariedade entre a beleza *versus* feiura, assim como não beleza *versus* não feiura. Podemos também citar as oposições de ter *versus* perder ou não-ter *versus* não-perder, igual *versus* diferente, não-igual *versus* não-diferente e sapo *versus* príncipe ou não-sapo *versus* não- príncipe.



Fonte: Autor baseado em Greimas e Courtés (2008, p. 402).

Os elementos de oposições semânticas “recebem a qualificação semântica /euforia/ - considerado um valor positivo - versus /disfória/ - visto como um valor negativo.” (FIORIN, 2002, p. 20). No texto, o sapo, representado pelo Edvaldo, é um animal feio, como problemas de relacionamentos e possíveis atitudes, reprováveis, julgadas pela namorada, condição de qualificação disfórica (imagem negativa). Que ao perdê-lo, conquista uma condição de ser um belo príncipe com atitudes singulares, eufórico (imagem positiva).

Em relação à namorada, quando esta pensava que tinha controle da relação afetiva, tinha uma percepção negativa de Edvaldo, disfórica. Contudo, ele termina o relacionamento e o mesmo se tornou referência de comportamento em relação aos outros sapos (homens), condição de euforia.

Portanto, sintaticamente o texto transcorre com a positividade da feiura no instante em que o Edvaldo se encontra na condição de sapo pela namorada. A negatização da feiura é quando ela reconhece que não tinha um sapo e por fim, afirmação da beleza quando o sapo se transforma em príncipe em relação ao outros sapos-homens.

No nível narrativo, obviamente há narratividade dos fatos, diferente de narração, em que esta “concerne a uma determinada classe de textos. Aquela é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes [...], quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final.” (FIORIN, 2002, p. 21), que é o caso da charge, quando o Edvaldo passa pela transformação inesperada de um estado de reprovação e rejeição (“Não aguento mais o Edvaldo!”) para o estado de aceite, referência e preferência (“Onde vou encontrar outro igual a ele?”).

Esse processo ou passagem que modifica o estado dos fatos no texto são conhecidos como enunciados de fazer, que “são os que mostram as transformações, os que correspondem à passagem de um enunciado de estado a outro” (FIORIN, 2000, p. 21) e performance conhecida com “a fase em que se dá a transformação (mudança de um estado para o outro) central da narrativa” (p. 23), em que moça, ao desabafar ao telefone, pensando ela que está no controle (“Acho que dessa vez vou terminar tudo!”), embora ela esteja com dificuldades na relação, ainda estão juntos, estado de conjunção. Todavia, quando ele a surpreende com o término, ela de certa forma realiza seu desejo, mas não

suporta o resultado da separação, desabando em lágrimas, desespero e arrependimento (“Amigaaa”! O Edvaldo terminou comigo! E agora?), disjunção.

No nível discursivo, considerado o último nesta análise (não é obrigatório seguir essa ordem), que “as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhe dão concretude” (FIORIN, 2000, p. 29), ou seja, quando o objeto narrativo concretizado como sapo (Edvaldo), sujeito com supostas desaprovações atitudinais, se tornou um príncipe com qualidades que oras eram desdenhadas.

Também percebe-se a concretude dela nos fatos discorridos na ação da procura de outro objeto de valor, namorado. Sendo assim, nessa relação entre níveis narrativo e discursivo, quanto mais “profundo o nível, [...] mais simples são as unidades, assim como mais abstratas. Quanto mais superficial, mais essas unidades se complexificam e se concretizam.” (LARA; MATTE, 2009, p. 20-21).

Digamos que essa atitude dela em querer buscar um novo objeto (homem/príncipe), nos remete a compreender como “objetos modais (o querer, o dever, o poder e o saber), necessários para a obtenção dos objetos de valor - que são os objetivos últimos da ação narrativa.” (FIORIN, 1999, p. 5). Por isso, para que ela se sinta bem, o querer da busca pelo objeto de valor é necessário, pois percebeu que ele estando perto era um sapo e a estar longe era um príncipe, poderia resgatar o príncipe (mesmo com atitudes saponinas) no qual se transformou. Nesta busca se deve pela recuperação do mesmo ou de outro que tenha semelhanças ou características aproximadas. O poder está relacionado ao exercício de seu domínio exercido ao outro e por fim, saber lidar com um sapo o tratando como um príncipe.

Considerações finais

Com objetivo descrito na introdução, de analisar um texto aplicando alguns conceitos do percurso gerativo de sentido, da Semiótica Discursiva, acreditamos que os objetivos foram alcançados com êxitos positivos. Assim, compreendemos que as significações não são finitas, podendo ser mais aprofundadas, todavia, acreditamos que a conversação como os leitores foi produtiva, proporcionando uma alternativa de interpretação e análise textual.

Referências bibliográficas

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica** do Texto. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1990

BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Tradução de Ivã Carlos Lopes et al. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

FIORIN, J.L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1999.

_____. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Enunciação e Semiótica**. Letras, n. 33, p. 69-97, dez. 2006. Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11924/7345>. Acesso em: 07/11/2020.

_____. **Elementos de Análise do Discurso**. 14ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

_____. **Semiótica e comunicação**. In: DINIZ, M. L. V. P.; PORTELA, J. C. (Org.). **Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias**. Bauru: Ed. da UNESP/FAAC, 2008.

_____. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.

FLOCH, J-M. **Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral**. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2001.

GESTO – Grupo de Estudos do Sentido – Tocantins. Seminários de Semiótica Discursiva e Ensino. **Plano de Expressão e Plano de Conteúdo**. Aula 2: Texto de Luiza Silva (2020).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

HJELMSLEV, Louis. **Uma introdução à linguística**. In: Ensaios linguísticos. [Trad. Antônio de Pádua Danesi] São Paulo: Perspectiva, 1991.

LARA, Glaucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. **Ensaio de Semiótica: aprendendo com o texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

VIANNA, H. M. **Pesquisa em Educação: a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.